

# Afinal, o que é Arte?\*

## What's Art after all?

**Afinal, o que é Arte? Especialistas da área têm suas definições. Leigos têm** suas impressões conforme sejam apreciadores das artes em alguma de suas formas e percebam sua beleza que inspira algum sentimento. Diria que poucos fazem parte do primeiro grupo, muitas pessoas fazem parte do segundo e a maioria não se interessa por arte, quiçá aprecie música popular, televisão e cinema, que são parte integrante da vida atual.

Talvez pessoas do segundo grupo devam participar na discussão do tema que atualmente tem gerado grande repercussão, assim eu externo minhas impressões.

Parece-me que arte é o retrato da cultura das diversas sociedades nas várias épocas de sua evolução e, assim, as criações das diferentes áreas mostram quando e até porque elas foram criadas. Isso pode ser percebido nas diversas formas de arte. Houve um período grego, Idade Média, Renascimento, Impressionista, Abstrato, Moderno e sempre sendo notável a etnia e origem cultural de seus autores. Os ocidentais têm se ocupado pouco em conhecer as artes das demais etnias, inclusive a daqueles que originariamente viviam em seus países.

No mundo ocidental a evolução das artes plásticas e musicais mostra bem como isso ocorre tanto na arte espontânea, popular, quanto naquela promovida por patronos, mecenas e atualmente pelos patrocinadores, que atendem às leis do mercado. Estes têm como foco as produções que atinjam uma maior população, que consuma o produto que está sendo apresentado e produza lucro.

É fato que também existe um mercado das artes que trabalha com obras criadas e cuja qualidade resistiu ao tempo cujos autores têm sido chamados de clássicos. Estes muitas vezes fizeram suas obras vivendo nos limites da pobreza e atualmente elas têm sido vendidas e revendidas por preços astronômicos, de tal modo que praticamente deixaram de ser arte para se tornar demonstração de riqueza e investimento lucrativo.

DIANA HELENA DE  
BENEDETTO POZZI

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Medicina, São  
Paulo/SP, Brasil.

---

\* Os artigos publicados nesta seção não representam a opinião da *Revista de Cultura e Extensão USP* e nem da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, sendo seu conteúdo de responsabilidade exclusiva dos autores.

É fato que existem as obras que estão em museus são acessíveis a toda a população e se constituem em fomentadoras do turismo.

Também na arte o aspecto econômico foi dos que mais se modificou e, atualmente, um artista de qualquer área, que se adeque ao gosto do mercado, fica facilmente milionário e mesmo bilionário. Fica difícil a distinção entre o gosto da população em geral e o interesse dos poderes que regem o mercado e que induzem até subliminarmente o gosto da população. Também é difícil prever se criações dessa natureza irão perdurar como uma Monalisa ou uma 9ª sinfonia de Beethoven, provavelmente a grande maioria não.

Vivemos numa época confusa, particularmente no mundo ocidental com todas as mudanças secundárias ao progresso. Até filosoficamente a situação é confusa. No mundo existiam pensamentos políticos de situação e oposição e os parlamentos eram organizados com um lado direito para aqueles da situação e esquerdo para os da oposição. No início do século passado houve mudança e esquerda passou a ser associada ao socialismo comunista e a direita ao capitalismo. Atualmente não fica claro o que seria a esquerda e direita, aparentemente esquerda seriam os progressistas e a direita, os conservadores. Também não fica claro o que seriam conservadores e nem progressistas, às vezes essa distinção parece estar associada à religião: progressistas seriam ateus que acreditam na ciência (não seria um tipo de religião?) e conservadores os que teriam as crenças religiosas tradicionais. Muito provavelmente a questão não está relacionada ao socialismo já que, por exemplo, o cristianismo, já na sua origem, era socialista. Isso sem falar na questão da ética e da liberdade de expressão. Aparentemente, alguns que defendem a liberdade de expressão estão esquecendo a ética, o respeito ao próximo.

Fatos que têm acontecido no mundo e no Brasil deixam clara essa confusão e ela fica ainda mais evidente em alguns eventos recentes nas áreas das artes no nosso país.

No teatro foi apresentada uma obra de autora inglesa, em que Jesus Cristo seria transexual. Obviamente aconteceu uma celeuma e as apresentações foram suspensas. Por que a necessidade de transformar Jesus Cristo em transexual? Por que não transformar Maomé ou Buda em transexual? Seria uma questão de pretender que em países predominantemente cristãos, transformar Jesus Cristo em transexual fariam os transexuais serem mais bem aceitos? Não residiria aí uma agressão aos cristãos, que têm sido rotulados como conservadores, feita pelos progressistas ateus que, entretanto, respeitam e defendem o sacrifício de animais em algumas crenças? É de se notar que atualmente alguns “intelectuais” adotam como prática declarar ser progressistas, o que implicaria em serem ateus e alegam estar defendendo a liberdade de expressão. A liberdade de expressão permitiria desrespeitar ao próximo? A liberdade de um não acaba quando começa a do outro? Liberdade não implicaria em aceitar, respeitar e conviver com as diferenças?

No Rio Grande do Sul aconteceu a exposição “QueerMuseu”, cujo tema era o sexo “queer” (traduzindo pelo Webster: diferente do normal, estranho, bizarro). Houve questionamentos e a exposição foi suspensa. Não ficou claro o porquê do título da exposição. Novamente a esquerda progressista pleiteou a liberdade de expressão clamando a existência de censura pela direita conservadora. Ora, se o tema da exposição

era sexo e seu título se referia a anormal, bizarro, por que dedicar uma exposição só para esse tema? É fato que dentre as várias obras existiam aquelas pretendendo representar o oposto do título da exposição e outras que agrediam as crenças religiosas cristãs, o que explica os questionamentos.

Pouco após, houve uma exposição no MAM com a apresentação de uma performance com um homem nu. Pelo que foi noticiado em jornais, aconteceu de uma criança tocar na perna do homem, alguém fotografar com seu celular e armar a confusão. Seria uma questão de pedofilia? Este é um problema sério de assédio, muito provavelmente subnotificado e que pode acontecer inclusive no ambiente familiar independentemente de nível social, e muitos acreditam que deveria ser punido com mais rigor. Por que um homem nu ser tocado por uma criança seria pedofilia? Por que a criança tocar um homem nu seria pedofilia? Pelo fato de frequentemente existir notícia sobre pedofilia e prisões motivadas pela existência de provas adequadas? Ou seria algo mais preocupante? Afinal, uma criança tocar no corpo de uma outra pessoa não apresenta nada que sequer possa ser chamado de sexuado.

É fato que existem as teorias psicanalíticas vigentes desde meados do século passado, quando Jung as propalou, e foram bem aceitas, apesar de não terem nenhuma base comprobatória. De acordo com elas não temos mais órgãos dos sentidos, mas tão somente órgãos sexuais. Quais interesses envolvem essa aceitação e sua difusão pelos diferentes meios, principalmente subliminares, numa época em que se tem exigido a comprovação científica para a validação de fatos e de procedimentos?

No final do século passado, época do centenário de Freud, havia muitos autores pensando e discutindo a respeito das teorias psicanalíticas não comprovadas e também sobre a supervalorização do sexo. Discutia-se inclusive se essas teorias estariam sendo positivas para a sociedade ou seriam negativas e sugeriam que o futuro iria mostrar. Os diferentes meios de informação promovendo o sexo como o fator primordial da felicidade é fato notável, assim como o crescimento do mercado e da indústria do sexo. É fato que a situação econômica e o aumento do desemprego, inclusive pela redução de atividades, face ao progresso crescente da área de informática e robotização, têm motivado a necessidade de criar novas atividades legalizadas de trabalho, devidamente reconhecidas, remuneradas e assistidas como as dos profissionais do sexo. Talvez esse seja um motivo, mas por si só ele não explica porque supervalorizar o sexo e a transformação dos órgãos dos sentidos em órgãos sexuais.

Com a evolução da neurociência se aprendeu, entre muitas outras coisas, que a questão sexual envolve a mente, a educação e condicionamento recebidos. Por exemplo, entre os condicionamentos é ensinado que homem não chora, tem de ser forte, “durão”. Ter sensibilidade, poder chorar, mostrar ser frágil e gostar de cor de rosa é coisa de mulher. Brincar de casinha é coisa de mulher que irá ser mãe, por que não seria coisa de homem que vai ser pai? As mulheres, até em função da necessidade de trabalhar, estão buscando superar esses condicionamentos e mostrar que também são fortes. Os homens aparentemente não estão fazendo o mesmo, não estão querendo mostrar sua fragilidade e que também são sensíveis.

Quando é ensinado e se aprende a supervalorizar e utilizar alguma atividade haverá

um maior desenvolvimento da área a ela relacionada e por outro lado a não utilização acarretará uma hipotrofia. Ao mesmo tempo, há de ser lembrado que o aumento do conhecimento na área biológica, o aumento da tecnologia e aparecimento de medicamentos (sem esquecer as alimentações e dietas com quantidade excessiva de fitoestrógenos), associados à vontade de transgredir, mudar e mostrar liberdade e superioridade tem sido motivo e produzido os meios para pessoas se modificarem. O aprendizado de que órgãos dos sentidos são órgãos sexuais, além de poder prejudicar o desenvolvimento da sexualidade natural, pode levar a uma confusão que afeta quaisquer relacionamentos, chegando a ser prejudicial.

Isso fica evidente no episódio ocorrido no MAM, quando a criança toca no ator que faz a performance e a situação é rotulada e denunciada como pedofilia. Também fica evidente no comportamento atual de pessoas, que acontece há algumas décadas, quando atitudes simples de carinho são interpretadas de maneira equivocada. Em crianças e adolescentes essas interpretações podem até induzir ideias erradas sobre sua própria sexualidade e em todas as idades podem acontecer situações que sofrem o rótulo de assédio e ter consequências indesejáveis. Assédio tem sido atualmente uma queixa crescente e não fica sempre claro quando ele teria de fato acontecido e quando foi consequência de interpretação errada. Há alguns anos houve uma escola que foi fechada em decorrência de uma queixa equivocada de assédio e atualmente europeus até tem produzido livros e filmes com essa temática. Cabe lembrar que esse tipo de queixa sempre produz consequências importantes e já foi mostrado que algumas pessoas, inclusive crianças, se apresentam como “vítimas”, mas de fato estão se utilizando do processo para obter vantagens, ou mesmo para vinganças pessoais. Conforme, no mundo atual, o sexo tem sido divulgado como a questão mais importante na vida e até cria a urgência de uma atividade sexual intensa, com a sexualidade exacerbada, aparecem questões importantes como um aumento da violência sexual dos mais variados tipos e, principalmente, os problemas vitais estão sendo ignorados, pois não envolveriam diretamente a pessoa, seu presente e satisfação imediatos. As alterações climáticas e suas causas (só lembrando o degelo do Ártico e os interesses envolvidos na sua ocorrência), que coincidem com o aumento da desigualdade que está acontecendo em todo o mundo (e não só no Brasil) e produzindo, entre outros problemas, as migrações com as consequências delas decorrentes, parecem importar a poucos. A opção que vamos viver aqui e agora e levar as vantagens possíveis parecem predominar.

Além disso, com os órgãos dos sentidos transformados em órgãos sexuais temos que a sexualidade passa a ser reduzida à sensualidade, o que propicia a situação atualmente existente de multiplicidade de gêneros, com um número crescente deles. Isso talvez seja interessante pelo fato de assim existir uma diminuição da natalidade neste mundo com população crescente, o que é um fato preocupante. Isso está ocorrendo no mundo ocidental, progressista, mas não entre aqueles que mantem sua religiosidade e continuam contribuindo para o crescimento populacional. Este pode até ser um fator importante nas animosidades crescentes e no nacionalismo que volta a acontecer e que pretendem seja um avanço da direita em relação aos progressistas e à globalização. A confusão no que se refere à questão da sexualidade, a área das artes torna aparente.

Eis que existem artistas que se intitulam progressista, defensores da inclusão e da liberdade de expressão e uma população que tem restrições, pois cobra respeito, entre outras coisas, a suas crenças religiosas. Aparece a questão da censura. Seria censura exigir que haja respeito? Se temos de aceitar e respeitar as diferenças não teríamos de aceitar e respeitar todas as diferenças? A liberdade de expressão permitiria o desrespeito ao outro, àquele que não pensa igual?

Isso parece ser tão somente parte da confusão atualmente existente. Aparentemente não existem mais filosofias e ideologias, mas somente o materialismo consumista e a busca pelo poder. Nessa disputa são defendidas as mais diversas bandeiras a fim de cativar grupos de adeptos que têm interesses específicos e lobbies fortes que lhes dá força política. Entretanto, não parece existir uma filosofia que abranja ética e cidadania, atenda a toda a sociedade e tenha como princípio valorizar a qualidade das ações e não as qualifique por quem as praticou e a qual grupo pertence.

Esses são alguns fatos que mostram a Arte como manifestação de criatividade e reflexo dos usos de uma época. Considerando o mundo em que estamos vivendo, ela também está se globalizando, com as consequências daí provenientes, o que inclui os riscos das “Fake News” e de “linchamentos” face à utilização indevida, antiética, da internet possibilitada pelas redes sociais e uma multiplicidade de meios de divulgação rápida que permitem denúncias não comprovadas e podem destruir a vida de uns para o “benefício” de outros.

Parece que estamos vivendo num Mundo “Queer” (estranho). Talvez seja mais correto dizer numa época “Queer” (bizarra).

**DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI** *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP*  
- email: dianahbp@usp.br